

# SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA: REANALISANDO DEFINIDORES

*CONTEMPORANEOUS SUBJECTIVITY:  
REANALYZING TRAITS*

**Lucas Porto de QUEIROZ**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
UNILAB/Campus dos Palmares

**Resumo:** Este artigo procura discutir por que as duas cifras tensivas que identificamos em nosso *corpus* como supostamente representativas da subjetividade contemporânea revelam, na verdade, segundo o quadro teórico que nos guia (ZILBERBERG, 2011), uma incoerência cuja solução passa pelo conceito semiótico de *elã*. Inicialmente procura-se identificar que traços podem ser reconhecidos como constantes em meio a um variado conjunto de textos bibliográficos que têm tratado da subjetividade contemporânea (BAUMAN, 1998, 2001, 2004; BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015; KEHL, 2015; BENJAMIN, 2012; entre outros). Em seguida, analisamos por que os dois traços encontrados (andamento célere e tonicidade reduzida) desafiam a vertente semiótica que guia este trabalho e resgatamos o conceito de *elã* como um necessário ajuste para se compreender a maneira como os analistas concebem a subjetividade contemporânea.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Contemporaneidade; Significação; Semiótica.

**Abstract:** This paper tries to discuss why the two identified tensive values in our corpus as supposedly representative of the contemporaneous subjectivity reveal, actually, according to the theoretical base that guides us (ZILBERBERG, 2011), an incoherence which solution goes through the semiotics concept of *elan*. Initially, It has been attempted to identify traits that may be recognized as constant amidst a variety of bibliographical texts that have treated contemporaneous subjectivity (BAUMAN, 1998, 2001, 2004; BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015; KEHL, 2015; BENJAMIN, 2012, among others). Later, It has been analyzed why the two trait found ( rapid tempo and reduced tonicity) challenge the semiotics strand/approach that guides this research and the concept of *elan* is revisited as a necessary adjustment to understand the manner the analysts conceive contemporaneous subjectivity.

**Keywords:** Subjectivity; Contemporaneity; Signification; Semiotics.

## 1. Subjetividade contemporânea: primeiras notas

Falar em *subjetividade contemporânea* é pisar num terreno de tal modo movediço que nos obrigamos, de partida, a estabelecer uma baliza mínima, capaz tanto de acusar o que entendemos por tal sintagma como de nos fazer esquivar de outras eloquentes (mas pouco distinguíveis entre si) terminologias (pós-modernidade, modernidade líquida, sobre-modernidade, super-modernidade etc.).

Nesse aspecto, entendemos por subjetividade contemporânea o modo de vida — não único, mas decerto hegemônico no mundo sintonizado com o funcionamento do capital — detectado décadas atrás por Walter Benjamin (2012). Queremos dizer, na linha do que argumenta o filósofo alemão, que, na passagem do século XIX para o século XX, quando o ser humano adquiriu a competência para reproduzir tecnicamente (e não mais manualmente) um objeto, houve não apenas o estabelecimento das condições tecnológicas para o surgimento da fotografia ou do cinema. A reprodutibilidade técnica, flagrada por Benjamin (2012) ainda em seu nascedouro, deu azo, sobretudo, a uma nova forma de organização coletiva — alimentada, naturalmente, por um novo padrão de subjetividade.

Isso porque, com a tal reprodutibilidade, os objetos que rodeavam (e definiam) os sujeitos ganhavam capacidade de difusão no espaço ao mesmo tempo em que perdiam o peso, a aura que tinham outrora, quando sua replicação ainda dependia da mão humana (BENJAMIN, 2012, p. 179-212). Trata-se de entender, em suma, que a reprodutibilidade técnica, à medida que gerava uma nova qualidade de objetos, forjava também uma nova subjetividade, cada vez mais mergulhada num cenário de coisas replicáveis e sem peso.

Assim, é a esse contexto histórico-social iluminado por Benjamin (2012) que nos filiamos para assinalar o nascimento da subjetividade contemporânea. Afinal, todos os meios de comunicação paridos pela cultura de massa e pela sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), nas décadas seguintes, apenas cancelaram esse arranjo difuso e sem aura flagrado pelo filósofo alemão.

Nesse sentido, conforme se percebe na pesquisa de Sibilía (2016), a internet e as redes sociais, embora não sendo sequer imaginadas à época de Benjamin, cristalizam e reforçam — decerto com diferenças significativas em comparação com o cinema, a televisão etc. — o mesmo cenário social de objetos replicáveis (porque difundíveis) e descartáveis (porque sem aura, sem peso). Uma fotografia digital que circula no Instagram, por exemplo, é afinal tão difundível quanto descartável (uma vez que logo pode ser substituída por outra), ou seja, traz em si o mesmo selo da reprodutibilidade técnica e da subjetividade a ela vinculada.

Ajustados os ponteiros em favor do que entendemos por subjetividade contemporânea, continuemos nossa discussão com o fito de identificar, à luz da semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011), as cifras que figuram com constantes, como invariantes (HJELMSLEV, 2009) em meio à profusão de análises sobre o tema.

Tudo se passa, assim, como se a semiótica, teoria que afinal simula categorias *gerais* da significação humana, pudesse ajudar a reconhecer o que há de comum, de regular em meio aos discursos de alguns filósofos (BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015, 2017; LIPOVETSKY, 2005), sociólogos (BAUMAN, 1998, 2001, 2004) e psicanalistas (KEHL, 2015; BIRMAN, 2014) etc. que têm se dedicado à temática deste artigo<sup>1</sup>.

Entendemos que essa opção por analisar *os discursos sobre a subjetividade contemporânea* apresenta-se tanto como um gesto de respeito teórico a quem já vem, de mais longa data, tratando do tema, como nos mantém com mais segurança no lugar de que viemos, a saber, da linguística e da semiótica. Não queremos, nesse sentido, ecoando aqui

---

1. Uma lista bem mais extensa de pesquisadores foi analisada em Queiroz (2020).

Greimas (1975, p. 10), correr “o risco de nos transformarmos de linguistas — situação em que nos sentíamos mais ou menos à vontade — em maus filósofos”. Assumiremos, portanto, os textos dos já citados analistas como nosso *corpus*, reconhecendo, de acordo com o esquematismo tensivo proposto por Zilberberg (2011), suas invariâncias.

Resumidamente (explicações mais pontuais sobre os conceitos da teoria surgirão à medida que eles forem surgindo em nossas observações), podemos dizer que o esquematismo tensivo surge como um dos herdeiros da semiótica narrativa desenvolvida por Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2012) durante as décadas de 1960 a 1980, *grosso modo*.

Zilberberg, porém, influenciado em parte (mas não só) pela fenomenologia de Merleau-Ponty (2011) e pelos *insights* de poetas como Paul Valéry (1973), renova a teoria, impregnando-a inclusive de novas categorias. Seu modelo propõe que a significação é fruto da tensão entre uma medida sensível, chamada por ele de intensidade, e por um número inteligível, denominado de extensidade. A intensidade se articula, por sua vez, em duas sub-dimensões: o andamento (menos ou mais rápido ou lento) e a tonicidade (menos ou tônico ou menos ou mais átono). A extensidade, por seu turno, se divide em função da temporalidade (menos ou mais longa ou breve) e da espacialidade (menos ou mais fechada ou aberta). Via de regra, quanto maior a intensidade da grandeza com que se esteja lidando, mais reduzida será a extensidade, ou seja, quanto mais rápido e/ou tônico for o fenômeno observado, mais difícil será acomodá-lo inteligivelmente.

## 2. Subjetividade contemporânea: mapeando o terreno

Mesmo vindo de diferentes campos teóricos e, portanto, observando a subjetividade contemporânea a partir de bases epistemológicas bastante distintas, os filósofos (BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015, 2017; LIPOVETSKY, 2005), sociólogos (BAUMAN, 1998, 2001, 2004) e psicanalistas (KEHL, 2015; BIRMAN, 2014) que convocamos para esta pesquisa se identificam em alguma medida, isto é, têm entre si um certo denominador comum. Queremos dizer que, observando seus textos com uma lente semiótica (ZILBERBERG, 2011), reconhecemos a ideia comum de que, quanto mais o campo de presença do sujeito contemporâneo se acelerou, menos impactantes pareciam os objetos com que o sujeito se relacionava. Ou seja, à medida que aumentava a velocidade que regia o sujeito, mais frágeis, insignificantes — átonos, em terminologia semiótica — se tornavam estes objetos.

Maria Rita Kehl (2015), por exemplo, em sua investigação psicanalítica sobre a atualidade das depressões, deixa pelo caminho essas duas cifras semióticas (andamento rápido e tonicidade reduzida) típicas do sujeito contemporâneo. Assim, ao chamar atenção para a “experiência do tempo, que na contemporaneidade praticamente se resume à experiência da velocidade” (KEHL, 2015, p. 17), ou quando destaca que “o homem contemporâneo vive tão completamente imerso na temporalidade urgente dos relógios de máxima precisão, [...] que já não é possível conceber outras formas de estar no mundo que não sejam as da velocidade e da pressa” (KEHL, 2015, p. 123), ela está identificando marcas daquilo que a semiótica chamaria de um *andamento veloz* (ZILBERBERG, 2011). Ao mesmo tempo, a psicanalista afirma que “é evidente que *algo do valor da vida se perde* quando o tempo, matéria do vivido, passa a ser tributário dos instrumentos científicos criados para sua medição” (KEHL, 2015, p. 124, grifos nossos). Essa perda do valor da vida significa,

para a teoria que nos guia, uma *perda de tonicidade*, isto é, uma diminuição do impacto cifrado nos objetos com que o sujeito se relaciona.

No fim das contas, como se vê, a psicanalista está estabelecendo uma espécie de correlação inversa entre o andamento rápido, uma das marcas típicas da contemporaneidade segundo ela, e a atonia identificada nos indivíduos depressivos que lhe interessam mais de perto. Assim, quanto mais o sujeito é regido por esses relógios de máxima precisão e por essas formas da velocidade e da pressa, ou seja, quanto mais célere o andamento, menor será a tonicidade atrelada aos objetos com que o sujeito se depara.

Joel Birman (2014), outro psicanalista interessado no assunto, também reconhece traços de atonia e de velocidade no campo de presença do indivíduo tipicamente contemporâneo. Tais traços ajudam a entender, inclusive, a proposta do psicanalista de que tal subjetividade se definiria por “uma *espacialização da experiência psíquica*” (BIRMAN, 2014, p. 46, grifos nossos), uma vez que seria justamente, em termos semióticos, o andamento célere demais que inviabilizaria a inserção dos instantes vividos numa temporalidade mais longa. A alta velocidade regente do campo de presença seria, nesse sentido, um impedimento para que o sujeito pudesse relacionar os instantes vividos como parte de uma mesma experiência, de um mesmo fluxo de vida. O andamento célere, portanto, manteria os instantes como que apartados uns dos outros, não identificados temporalmente — *espacializados* de certa maneira. Assim, observemos no trecho abaixo o papel que o andamento veloz desempenha nesse arranjo:

O mundo se reduz ao espaço do aqui e do agora, sem expansão, sem escansão e sem qualquer horizonte possíveis, pois é a pontualidade da [...] presença que aqui se impõe. Porque é o registro do tempo [longo] que abre as janelas do mundo para outras possibilidades de existência [...], além do que eclode pontualmente nos momentos descontínuos dos diversos instantes. Para transformar o instante numa continuidade modulada, é necessária a incidência dos processos de temporalização [...]. Para isso, o instante tem que ser inscrito numa sequência [...] (BIRMAN, 2014, p. 101)

A experiência se pontualiza, ou seja, restringe-se ao aqui e agora devido à dificuldade que o sujeito tem de alongar sua percepção temporal: regido por um andamento célere (os instantes, afinal, segundo o autor, *eclodem* para o sujeito, verbo que assinala essa cifra de rapidez), resta-lhe, com efeito, apenas a sensação de uma percepção temporal abreviada, fatiada em diversos instantes não conectados entre si.

Para a semiótica tensiva, tendo em vista que as medidas sensíveis (andamento e tonicidade) regem as subdimensões que compõem o eixo inteligível da significação (temporalidade e espacialidade), a dificuldade que o sujeito contemporâneo tem de inscrever sua experiência numa temporalidade mais longa resulta, na verdade, do andamento demasiadamente rápido. Assim, “imagens traumáticas” (p. 27), “estresse”, “*pânico*” (BIRMAN, 2014, p. 72, grifos do autor) seriam todos *sintomas* que derivam de um campo de presença incapaz — devido ao andamento rápido demais — de acomodar o impacto do vivido numa temporalidade mais longa e numa espacialidade mais aberta. A dificuldade

de organizar inteligivelmente os objetos que invadem o campo de presença tem âncora, portanto, na alta velocidade que rege a subjetividade.

Desse modo, ao mesmo tempo em que se infere, na temporalidade breve apontada por Birman (2014), a presença de um andamento rápido regendo o campo de presença, chama atenção a baixa tonicidade assinalada pelo psicanalista, conforme se vê abaixo:

[...] no que concerne à depressão hoje, não é a culpa que se encontra inscrita na cena principal das narrativas [...], mas o *vazio* [grifo do autor] [...]. As pessoas se queixam cada vez mais que estão vazias, que não têm nada dentro de si, isto é, *perderam uma certa vitalidade e o envolvimento com as coisas e as pessoas* [...]. É a potência de ser que se esvaiu, secando quase definitivamente a gana pela vida. Enfim, é a *impotência* e a *apatia* que se impõem como resultantes disso (BIRMAN, 2014, p. 120-121, grifos nossos)

Trata-se de entender que, tal como vimos por relação à proposta de Kehl (2015), Birman (2014) também verifica, à sua maneira (“apatia”, “impotência” etc.), aquilo que denominamos semioticamente de atonia. Assim, paralelamente ao andamento rápido reconhecível nas propostas dos dois psicanalistas, nota-se em ambas as pesquisas uma tonicidade reduzida cifrada no campo de presença do sujeito, como se nada o impactasse de modo mais significativo.

Ora, segundo as premissas do esquematismo tensivo de Zilberberg (2011), se os objetos entram *rapidamente* num campo de presença, a tendência natural, o esperado seria que eles impactassem, desnortassem num primeiro instante o sujeito — antes de serem enfim acomodados numa espacialidade mais aberta e numa temporalidade mais longa. Ou seja, à alta velocidade se conjugaria uma tonicidade elevada. Resultaria desse arranjo o que a semiótica chama de *acontecimento*, cujas características definidoras, andamento célere e tonicidade elevada, podem ser identificadas abaixo:

O andamento do acontecimento é evidentemente rápido, mas o que isso quer dizer exatamente? A celeridade [...] acarreta no sujeito siderado uma espécie de tempo negativo, crescente, que expelle o sujeito para fora de si. A tonicidade, por sua vez, é extrema [...]. Essa saturação da tonicidade significa para o sujeito uma “tempestade” modal que vê o sofrer suplantar o agir. (ZILBERBERG, 2011, p. 236)

O acontecimento ocorre, portanto, quando o sujeito é “extraído da esfera familiar de seu *agir* e projetado na estranheza do *sofrer*” (ZILBERBERG, 2011, p. 278, grifos do autor). Não é, no entanto, o que se verifica em nosso *corpus*, em que há uma “*velocidade traumática* com que os acontecimentos da vida atual afetam os sujeitos, [porém] sem produzir *nada de significativo*” (KEHL, 2015, p. 168, grifos nossos). Como se vê, o que temos, segundo os observadores da subjetividade contemporânea, é uma espécie de *rapidez sem grande impacto*, o que cobra da semiótica de Zilberberg (2011) uma explicação para esse aparente paradoxo tensivo. Como explicar que a subjetividade contemporânea se caracterize pela invasão rápida dos objetos em seu campo de presença, sem que, no entanto, isso impacte o sujeito que centraliza esse campo?

Parece-nos que tal explicação está no fato de que aquilo que os analistas assinalam, cada qual à sua maneira, não é, como parece à primeira vista, um andamento rápido — se assim fosse, os sujeitos inapelavelmente dariam mostras do arrebatamento sensível causado por tal andamento, isto é, indicariam cifras de alta tonicidade em seus arranjos internos de significação —, mas, sim, o que a semiótica chamaria de *elã da rapidez* (ZILBERBERG, 2011, p. 85). A mudança é sutil, mas fundamental para explicar tensivamente as marcas aparentemente contraditórias da subjetividade contemporânea — atonia e celeridade.

O *elã* atua como o elemento — chamado em semiótica de *forema* — pressuposto a um andamento qualquer, regendo, assim, os outros dois *foremas*, *direção* e *posição*: “[...] a direção e a posição são pressupostas e o *elã*, pressuposto [...] os pressupostas mantêm a dependência em relação a seu pressuposto” (ZILBERBERG, 2011, p. 73). Dessa maneira, conforme se pode ver na tabela abaixo (conferir tabela 1), *o andamento acelerado não é senão produto de um elã da rapidez*.

Aspecto Forema	Minimização	Atenuação	Restabelecimento	Recrudescimento
Direção	Trâiner [ir muito lentamente]	Desaceleração	Aceleração	Precipitação
Posição	Anacronismo	Atraso	Adiantamento	Prematuridade
Elã	Inércia	Lentidão	Rapidez	Vivacidade

**Tabela 1:** subvalências da dimensão do andamento.

Fonte: Zilberberg (2011, p. 85, grifos nossos)

É importante pontuar aqui que essas nuances teóricas, longe de apenas ornamentarem a discussão, permitem compreender como o sujeito contemporâneo *vivencia atonamente aquilo invade em alta velocidade seu campo de presença*. Como o *elã* é um *forema pressuposto*, o sujeito o assimila e o vivencia como norma, como hábito, condição que explica a atonia notada pelos analistas: aquilo que nos é rotineiro, habitual, afinal, de fato nos impacta muito pouco.

Para melhor explicar a diferença que há entre um andamento rápido e um *elã da rapidez*, tomemos emprestado, apenas a título de analogia, dois conceitos da física clássica comentados por Greene (2005, p. 41-42). Trata-se do chamado *movimento acelerado* e do *movimento a velocidade constante*. Imaginemos, então, o sujeito contemporâneo como um passageiro que viaja num avião a 800 km/h, a velocidade constante e sem elementos externos (nuvens, pequenos pontos no solo a lhe servir de referência etc.) que lhe permitam estimar a velocidade da aeronave. Aqui teríamos um correlato do que a semiótica chama de *elã da rapidez*, isto é, uma velocidade de base, vivida como norma, como regra, o que radica o baixo impacto de quem está imerso nesse cenário. Fora da aeronave, no solo ou no alto de um prédio, por exemplo, estariam os analistas da contemporaneidade, que, observando à distância o caso, certamente afirmariam que aqueles passageiros viajavam

a uma alta velocidade. O movimento acelerado notado por quem está fora da aeronave equivaleria ao andamento rápido sublinhado pelos analistas que temos acompanhado.

Noutras palavras, a rapidez sublinhada pelos analistas da contemporaneidade têm âncora apenas se o ponto de vista adotado for o do narrador (*grosso modo*, a voz projetada no texto do próprio pesquisador), mas não se a perspectiva for a do sujeito que está sendo analisado. Dessa forma, os sujeitos analisados não endossariam as conclusões a que chegam seus analistas. A aceleração excessiva de que falam os pesquisadores de nosso *corpus*, assim, não teria respaldo para os indivíduos analisados.

Teríamos desse modo, de um lado, os narradores/analistas da subjetividade a notarem essa velocidade excessiva regendo o campo de presença dos indivíduos e extraindo daí variadas conclusões (psicanalíticas, filosóficas, sociológicas etc.), e, de outro, os sujeitos eles mesmos, praticamente insensíveis à *aceleração notada apenas por quem os observa à distância*. Em suma, a alta velocidade, notada tão somente pelos *analistas* da contemporaneidade, ao ser vivenciada como norma, como regra pelos sujeitos analisados, não os afeta significativamente. Aquilo que nos é habitual, afinal, é de fato pouco arrebatador — átono, portanto.

Noutras palavras, estaríamos diante de duas perspectivas da velocidade experienciada pelo sujeito contemporâneo. De um lado, o analista, observando o fenômeno à distância e tendo como referência comparativa um momento da história humana em que o indivíduo pautava-se por um andamento mais lento, enxerga uma celeridade excessiva na vida atual. De outro lado, o próprio sujeito analisado, que, habituado a essa velocidade, imerso nela de tal modo a não ter outro parâmetro de comparação, pouco se afeta sensivelmente com esse arranjo.

O trecho abaixo, assinado por Bauman (1998), outro pesquisador atento à subjetividade contemporânea, pode ilustrar a distância que há entre esses dois pontos de vista, a saber: do narrador; e do sujeito analisado (segundo a perspectiva do narrador, já que, em nosso *corpus*, não é jamais cedida voz ao sujeito propriamente):

*Um número crescente de homens e mulheres pós-modernos [...] acham a infixidez de sua situação suficientemente atrativa para prevalecer sobre a aflição da incerteza. Deleitam-se na busca de novas e ainda não apreciadas experiências [...] de um modo geral, a qualquer fixação de compromisso, preferem ter as opções abertas. Nessa mudança de disposição, são ajudados e favorecidos por um mercado inteiramente organizado em torno da procura do consumidor [...] (BAUMAN, 1998, p. 22-23, grifos nossos)*

*Nossas lutas pela vida, ao contrário, se dissolvem, naquela insustentável leveza do ser... Nunca sabemos, ao certo, quando rir e quando chorar. E mal há um momento, na vida, para se dizer, sem escuras premonições: “Tive êxito” (BAUMAN, 1998, p. 111, grifos do autor)*

Note-se que, no primeiro excerto, os sujeitos analisados, segundo o narrador, avaliam positivamente sua situação (“Um número crescente de homens e mulheres pós-modernos acham [...] sua situação [...] atrativa”). Assim, a celeridade, que reverbera, no trecho, em

certa infixidez dos instantes vividos, é vista pela subjetividade contemporânea como um trunfo, segundo Bauman. Já no segundo trecho, quando o próprio narrador assume o ponto de vista da avaliação (“Nossas lutas”), a cena muda de figura, e vem à tona um tom de lamentação diante do cenário contemporâneo (“Nunca sabemos, ao certo, quando rir e quando chorar”, “Mal há um momento, na vida, para se dizer [...]: ‘tive êxito’”).

As cifras de atonia e celeridade, tal como vimos por relação a Kehl (2015) e Birman (2014), também são identificadas — de diferentes maneiras, isto é, partindo de distintos pontos de vista epistemológicos e lançando mão de variados recursos metafóricos — por vários outros pesquisadores que acompanham o fenômeno aqui em pauta. Lipovetsky (2005), por exemplo, nota, à sua maneira, cifras de atonia quando aponta um “aumento da apatia de massa” (LIPOVETSKY, 2005, p. 19); um “mal-estar difuso [...] um sentimento de *vazio interior* [...] uma *incapacidade de sentir as coisas e as pessoas*” (p. 56, grifos nossos); “apatia” (p. 19); “estética fria” (p. 20); “surgimento de uma cultura *cool* em que cada qual vive num *bunker* de indiferença (p. 56, grifos do autor). Além desse baixo impacto do vivido para o sujeito contemporâneo, haveria ainda, segundo ele, “*uma rapidez* com que os acontecimentos veiculados pela mídia de massa se substituem, *impedindo qualquer emoção duradoura*” (LIPOVETSKY, 2005, p. 34, grifos nossos). Ou seja, o autor também enxerga a rapidez como uma marca, tipicamente contemporânea, que radica a atonia de que padecem os sujeitos: é a celeridade, afinal, que, segundo ele, impede a inscrição tônica no campo de presença (“impedindo qualquer emoção duradoura”). Os dois traços tensivos são endossados ainda quando o filósofo afirma que “com o universo [...] da publicidade, da mídia, a vida cotidiana e o indivíduo *não têm mais peso* próprio, anexados que estão pelo processo da moda e da obsolescência *acelerada*” (LIPOVETSKY, 2005, p. 85, grifos nossos).

Cabe observar aqui que, embora Lipovetsky sublinhe o papel específico da mídia para a cristalização desse arranjo acelerado e átono — em caminho bastante diverso daquele assumido, por exemplo, por Maria Rita Kehl, a qual associa esse arranjo à alarmante frequência das depressões na atualidade —, todos os autores de nosso *corpus* enxergam o que semioticamente seria uma tonicidade baixa e um andamento acelerado. Assim, o par atonia e rapidez seria uma espécie de ponto de convergência — elemento constante, invariante — entre distintas propostas acerca da subjetividade contemporânea.

Outro ponto interessante está no contraste entre o ponto de vista de Lipovetsky (2005), por meio de seu narrador, e a perspectiva do sujeito analisado (sempre segundo a ótica do analista, já que o sujeito analisado jamais ganha voz). Esse hiato, como vimos em Bauman (1998), ajuda a compreender a maneira como o analista enxerga o fenômeno e a forma como o sujeito analisado parece vivenciá-lo. É o que vemos, por exemplo, quando o filósofo francês afirma que “Deus morreu, as grandes aspirações se extinguem, mas *ninguém está dando a mínima importância*, eis a *alegre* [grifo nosso] notícia” (LIPOVETSKY, 2005, p. 20, grifos do autor). Note-se que o adjetivo *alegre* cumpre o papel de sublinhar ironicamente a distância entre o ponto de vista do filósofo (“Deus morreu, as grandes aspirações se extinguem”) e a perspectiva daqueles de quem ele fala (“mas ninguém está dando a mínima importância”).

Na mesma toada, Baudrillard (2004, p. 60, grifos nossos) assinala uma “*aceleração extraordinária* desta *banalização do mundo*”, em cujos grifos se percebe claramente a

dupla de caracteres apontados como definidores da subjetividade atual. Noutra momento, o filósofo afirma ainda que estaríamos diante “[...] duma sociedade toda inteira [sic] apanhada na *corrida* para a *insignificância* e embasbacada frente à sua própria *banalidade* [...]” (BAUDRILLARD, 2004, p. 41, grifos nossos), em cujos destaques se repetem as cifras de celeridade (“corrida”) e atonia (“insignificância”, “banalidade”).

Zigmunt Bauman (1998, 2001, 2004), ao propor sua *modernidade líquida* como um conceito capaz de traduzir as especificidades de uma subjetividade tipicamente contemporânea, também flagra os caracteres tensivos em que temos insistido neste artigo. Dessa forma, Bauman (1998) argumenta — em linha próxima à de Lipovetsky (2005), quando este salienta o papel da mídia e dos meios de comunicação de massa como fundamento para a aceleração regente do sujeito contemporâneo — que a rapidez, traço tão consensual entre os analistas que temos acompanhado, tem âncora em “um mercado inteiramente organizado em torno da procura do consumidor e vigorosamente interessado em manter essa procura permanentemente insatisfeita” (BAUMAN, 1998, p. 23). Para o autor polonês, a celeridade deita raízes, então, numa questão estreitamente ligada ao capital: interessa ao mercado, afinal, que os sujeitos transitem *rapidamente* pelos objetos com que se relacionam, uma vez que isso favorece “essa procura permanentemente insatisfeita”. O baixo impacto dos objetos, traço também localizável na proposta do sociólogo (BAUMAN, 1998, 2001, 2004), relaciona-se igualmente com essa questão do capital: é interessante, nesse sentido, que os objetos não pareçam ao sujeito demasiadamente importantes, impactantes — o que acabaria por fazer sua atenção se concentrar por mais tempo num ponto qualquer. Dessa maneira, interessa a esse modelo de vida cultivado na contemporaneidade a “desintegração de um jogo [da vida contemporânea] [...] com prêmios enormes e dispendiosos, numa série de jogos estreitos e breves, que só os tenha pequenos e não demasiadamente preciosos [...]” (BAUMAN, 1998, p. 113, grifos nossos).

Atonia e celeridade são, portanto, os dois traços semióticos (ZILBERBERG, 2011) identificados como invariantes, como constantes em meio às distintas propostas dos autores aqui observados (KEHL, 2015; BIRMAN, 2014; BENJAMIN, 2012; BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015, 2017; LIPOVETSKY, 2005; BAUMAN, 1998, 2001, 2004). Maria Rita Kehl (2015, p. 157, grifos nossos) resume bem, em dois sintagmas aparentemente contraditórios, esse arranjo tensivo aparentemente contraditório (mas inerentemente contemporâneo). Para ela, os estímulos recebidos pela subjetividade equivalem a “pequenos traumas” (KEHL, 2015, p. 157) ou a um “prosaico e corriqueiro choque” (KEHL, 2015, p. 175). Propomos, na tabela abaixo (conferir tabela 2), a explicação tensiva para os dois oxímoros apresentados pela psicanalista:

	“prosaico e corriqueiro	choque”
	“pequenos	traumas”
Justificativa tensiva	porque átono	porque rápido

**Tabela 2:** destrinçamento tensivo de “prosaico e corriqueiro choque” e “pequenos traumas”. Fonte: elaboração nossa, com base em Kehl (2015) e Zilberberg (2011)

A rapidez notada pelos analistas, porém, conforme já argumentamos, pede algumas ressalvas. Não se trata, afinal, simplesmente de um andamento acelerado — se assim fosse, teríamos um sujeito arrebatado pela celeridade do vivido —, mas daquilo que Zilberberg (2011, p. 73) chama de *elã da rapidez* — elemento pressuposto a um andamento acelerado. Sendo pressuposto, passa a ser vivido como norma, como hábito, o que explica a atonia verificada pelos analistas. O que nos é rotineiro, afinal, de fato nos é pouco impactante.

### 3. Considerações finais

Neste artigo, procuramos identificar, a partir de uma teoria da significação humana que, afinal de contas, simula categorias gerais mobilizadas na produção e na interpretação do sentido (ZILBERBERG, 2011), que caracteres podem ser apontados como constantes, como invariantes em meio a um conjunto de diferentes análises da subjetividade contemporânea (KEHL, 2015; BIRMAN, 2014; BENJAMIN, 2012; BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015, 2017; LIPOVETSKY, 2005; BAUMAN, 1998, 2001, 2004).

Identificamos, dessa maneira, a princípio, um *andamento acelerado* e a *atonia* como cifras semióticas típicas do campo de presença do sujeito contemporâneo. Tal arranjo, porém, cobra da semiótica uma explicação, na medida em que a alta velocidade regente de um campo de presença deveria gerar impacto, vale dizer, uma tonicidade elevada no sujeito que centraliza essa arena perceptiva. Propomos, então, o conceito semiótico de *elã* como um necessário adendo às propostas dos analistas aqui contemplados.

Sendo este último um elemento pressuposto ao andamento, o sujeito pode vivenciá-lo como algo rotineiro, habitual e, portanto, átono. Uma das cifras características da contemporaneidade não seria, dessa forma, um andamento célere, mas o *elã da rapidez*.

### 4. Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. **Telemorfose**. Tradução Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito-ironias do virtual e da imagem. Tradução Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Tradução Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva: 2015.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2017.
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama.. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

- BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GREENE, Brian. **O tecido do cosmo**: o espaço, o tempo e a textura da realidade. Tradução José Viegas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Tradução Ana Cristina Cruz Cezar [e outros]. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COUTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Vários tradutores. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri-SP: Manole, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- QUEIROZ, Lucas Porto de. **Semiotização da subjetividade contemporânea**. 2020. 179f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-08062020-191229/pt-br.php>. Acesso em: 16 ago 2021.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu**. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- VALÉRY, Paul. **Cahiers**: tome 1. Coll. La Pléiade. Paris: Gallimard, 1973.
- ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.